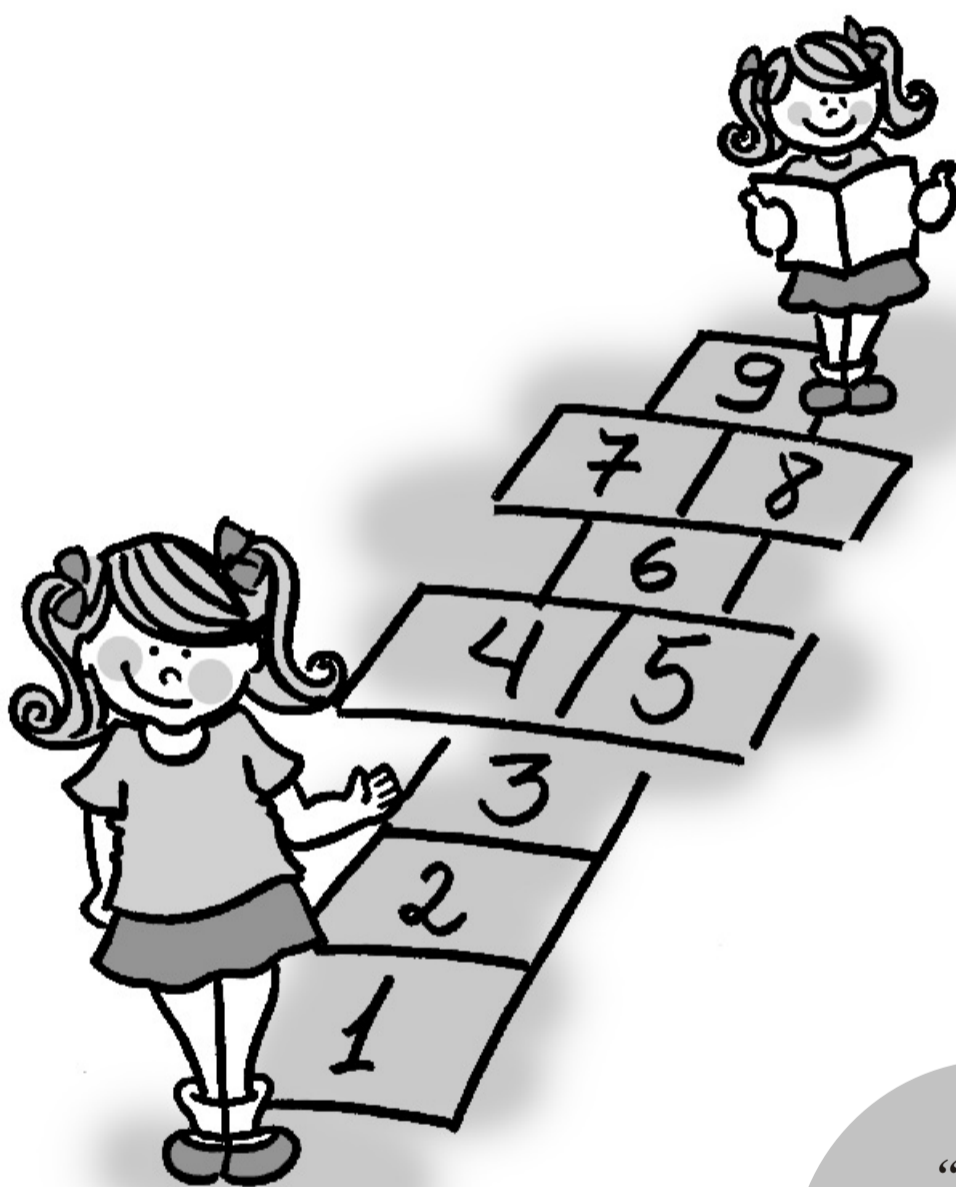


SIM O AUMENTO NA DURAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Fatores que pressionam para cima

Cleonice M. Tomazzetti

Professora do Departamento de Metodologia do Ensino, Doutora em Educação



A questão começa a ser respondida a partir de duas considerações centrais que apresento e, a partir delas, outros aspectos são expostos. A primeira consideração é de que a Educação na primeira infância é o melhor investimento social existente. E quanto mais baixa for a idade deste investimento, maior é o retorno individual e social, ou seja, melhor é o retorno para o indivíduo e para a sociedade. Assim, entendemos que é exitosa toda a política que visa estender para baixo, ampliando o acesso das crianças menores à es-

cola. Esta expansão do atendimento educacional incluindo as crianças de 6 anos de forma obrigatória pressiona os sistemas a reorganizar suas diretrizes e objetivos de forma a alcançar metas de longo prazo demonstrando eficiência.

Estes esforços têm resultado positivo sobre os currículos que as escolas oferecem, uma vez que produzem modificações nos conteúdos e nas atividades didático-pedagógicas, alterando antigos e rígidos padrões e regramen-

tos. E isto, por consequência, altera os padrões de qualidade no interior dos processos escolares. Entretanto, esta alteração da qualidade se dá não só na instituição escolar, mas também na vida social e, sobretudo, na vida do indivíduo: está comprovado que “estudar mais faz realmente diferença na hora de conseguir melhores postos de trabalho”.

A segunda consideração é consequência da primeira e está relacionada ao trabalho profissional da/na educação: qualidade é algo dinâmico e não estático e se constrói no dia-a-dia e de maneira permanente. A ampliação da faixa etária e do número de crianças na escola traz para o seu interior uma maior diversidade de necessidades e, por conseguinte, de projetos. Isto é, à medida que mais crianças chegam às escolas, maior é a diferença produzida no interior delas, fazendo com que os currículos e os programas tenham que considerar estas variáveis para alcançar bons resultados sócio-pedagógicos. E isto é acompanhado de maior profissionalização, tanto de docentes quanto de servidores

que atuam na instituição, o que produz um impacto sobre a gestão do trabalho sócio-educativo.

Por isso, devemos destacar o sentido profissional do trabalho dos professores(as). Não são mães/pais substitutos para atender às crianças enquanto seus pais trabalham. São profissionais que sabem fazer aquilo que é próprio da sua profissão: profissão vinculada a potencializar, reforçar e multiplicar o desenvolvimento equilibrado de cada criança. Seus efeitos, portanto, são no sentido de pressionar a qualidade para cima, puxando os condicionantes peda-

gógicos de forma a contemplar as necessidades formativas de todas as crianças e jovens que frequentam a escola, já que o objetivo é não só colocar mais crianças na escola, mas garantir bons níveis de rendimento e, portanto, de sucesso através dela.

Neste sentido, a qualidade também é expressa nos bons resultados sociais obtidos pelo maior tempo de escolaridade e pelo ingresso mais cedo na escola. E estes resultados são construídos em conjunto pelos diversos atores sociais atuando a partir de interesses próprios. Então, qualidade das escolas é menos um repertório de traços que se possuem do que algo que vai sendo alcançado a partir das condições e variáveis sócio-educativas.

Esta é, em suma, uma medida que tem um impacto positivo sobre a qualidade educativa e sobre a qualidade de vida dos indivíduos. Indica que, se hoje as crianças frequentam a escola desde a mais tenra idade, isto viabiliza seu futuro a longo prazo, pois o uso do tempo das crianças é uma preocupação com o presente e com futuro das novas gerações, e que o país está cuidando do desempenho em longo prazo da nossa Educação. Além disso, o uso do tempo das crianças constitui determinante fundamental da performance a longo prazo da nossa economia, e é objeto de ações sociais mais estratégicas para a sociedade brasileira. Um país que cuida de suas crianças, por exemplo, através de políticas educativas de qualidade, viabiliza o seu futuro.

Por fim, entendo que a Educação Infantil é, por si só, um valor social e, por isso, não podemos nos satisfazer apenas com a universalização do acesso para as crianças de 6 anos, mas lutar para que mais vagas sejam criadas e que ultrapassemos os dados objetivos para entrar em considerações mais qualitativas sobre os programas que estão em andamento.

“Maior escolaridade garante bons resultados sociais”